

“UM OLHAR SOBRE A QUESTÃO DA CONSCIÊNCIA EM NIETZSCHE”

Alexandre Valença Teixeira

Mestrando HCTE/UFRJ

alexandrevl2006@gmail.com

INTRODUÇÃO

“Poderíamos, com efeito pensar, sentir, querer, recordar- nos, poderíamos igualmente “agir” em todo sentido da palavra: e a despeito disso, não seria preciso que isso nos ‘entrasse na consciência’. A vida inteira seria possível sem que, por assim dizer, se visse no espelho.” Assim nos fala Nietzsche em “A Gaia Ciência” . Esta afirmação expressa parte significativa da idéia Nietzscheana de Consciência.

Embora possamos reconhecer no conjunto do pensamento nietzscheano períodos distintos, cada um com características próprias, vemos em todos eles a crítica profunda que o filósofo dirige ao conceito de consciência.

Para Nietzsche, ao longo da história da filosofia houve uma extrema valorização das forças apolíneas em detrimento dos aspectos dionisíacos. Esta valorização do apolíneo se expressa pelo predomínio da razão, da racionalidade argumentativa, da lógica, do conhecimento científico, da demonstração. Nietzsche critica profundamente esta valorização das forças apolíneas.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar, de forma sintetizada, a visão de Nietzsche sobre a questão da consciência. Destacaremos também algumas considerações de Nietzsche sobre a linguagem, já que a comunicabilidade entre os homens contribui para compreendermos e ampliarmos as reflexões sobre a consciência.

Sua obra aponta para um lugar estratégico de oposição às definições do homem através de sua racionalidade ou sua consciência.

A QUESTÃO DA CONSCIÊNCIA EM NIETZSCHE

Segundo Nietzsche, a filosofia, representada sobretudo por Sócrates e Platão , instaura o predomínio da razão, da racionalidade argumentativa, da lógica, da demonstração. Paralelamente, com o processo de crescimento das cidades, o homem perde a proximidade com a natureza e suas

forças vitais, que mantinha no período anterior e que encontra sua expressão nos rituais dionisíacos, na dança, no êxtase, na embriaguez. A tragédia grega expressa esse elemento vital no confronto entre os homens e os deuses, no confronto entre o homem e seu destino. Dioniso personifica o deus vital, a alegria, o excesso. A filosofia representa o predomínio do que Nietzsche chama o 'espírito apolíneo', derivado de Apolo, o deus da ordem.

Com o desenvolvimento da razão filosófica e, mais tarde da racionalidade científica, o espírito apolíneo irá prevalecer, e o espírito dionisíaco, o desejo, a 'afirmação da vida', será progressivamente reprimido. A história da tradição filosófica é a história do triunfo do espírito apolíneo em detrimento do espírito dionisíaco que anteriormente conviviam em um certo equilíbrio dinâmico.

Nietzsche, especialmente em “O Nascimento da Tragédia”, critica Sócrates e a ele atribui o declínio da cultura grega, quando a sociedade deixa de se orientar pelos instintos.

Esse processo de desvalorização dos instintos, para Nietzsche, culmina com o cristianismo, que prega a auto-renúncia, o que considera um atentado contra a vida, contra o corpo.

O objetivo de Nietzsche é duplo: revelar e criticar o processo de valorização da racionalidade, do espírito apolíneo e ao mesmo tempo, restaurar os valores instintivos reprimidos. O filósofo ataca o racionalismo moderno, sua pretensão de fundamentar nosso conhecimento e nossas práticas.

“Para Nietzsche, os instintos são mais fundamentais e certos que a razão e a consciência. Eles são a afirmação da vida. Ao valorizá-los o filósofo assume uma posição estratégica que lhe permite fazer oposição às definições do homem pela racionalidade, ou pela consciência. Não sendo mais fundamental do que os instintos, a consciência não pode ser apontada como regente dos mesmos. A consciência, em Nietzsche, é considerada apenas como um órgão e, enfatiza ele, ‘o órgão mais frágil’, ‘mais falível’. Sendo mais falível, não pode ser erigido como o grau mais elevado da evolução orgânica nem, tampouco, o objetivo, o valor, ou o critério superior da vida. O corpo é, em Nietzsche, uma ‘grande razão’, um ‘soberano poderoso’, um ‘sábio desconhecido’. Assim, no corpo, parece encontrar um caminho alternativo àqueles da consciência racional. O cerne do pensamento nietzscheano é a crítica ao conceito de consciência. Para Nietzsche, a consciência é, por definição, uma superfície e não o lugar por excelência da vida psíquica.

Longe de ser o ‘núcleo’ do ser humano, seu papel está subordinado ao ‘laço dos instintos’. (Barbosa, Marcelo Giglio, 2000).

Em Nietzsche há uma mudança radical na relação pensamento - consciência. O filósofo critica profundamente a idéia de que a consciência é o lugar por excelência da vida psíquica, expressando que o pensar consciente e o pensar em sua totalidade, não se identificam. No aforismo

354, que pertence ao livro “A Gaia Ciência”, Nietzsche afirma que poderíamos viver muito bem sem a consciência, pois, para pensar, sentir, querer, recordar, bastaria a ação.

Muito do pensamento Freudiano encontra ressonância nas idéias de Nietzsche. Quando Freud expõe a idéia da existência do inconsciente, mostra que o homem não se define pela racionalidade, e que sua mente não se caracteriza apenas pela consciência, sendo nosso comportamento fortemente determinado por desejos e impulsos dos quais não temos consciência. Conteúdos que foram reprimidos permanecem ainda em nosso inconsciente e manifestam-se em nossos sonhos, ações e atos falhos. Assim, Freud mostra que não temos controle pleno de nossas ações e que há causas determinantes de nossa ação que nos são desconhecidas. Freud afirma: “O homem não é senhor de sua casa”, expressando assim, que as ações do homem não estão totalmente sob seu controle; suas ações e desejos tem como base os instintos e o inconsciente. Desta forma, um dos argumentos centrais do racionalismo moderno - o acesso privilegiado do ser pensante à sua própria consciência, a evidência do cogito enfatizada por Descartes - torna-se problemático.

O aforismo 354 de “A Gaia Ciência” desenvolve um raciocínio sobre como a maioria dos processos vitais, dispensa a consciência. Para os processos vegetativos e fisiológicos, isso nos parece natural. Porém, para Nietzsche também os atos de querer, lembrar e pensar poderiam se realizar sem o acompanhamento de auto-referência e espelhamento. Não precisariam, aparecer na consciência para realizar-se. Nem mesmo a consciência precisaria ser consciente. Em suma:

“Toda vida seria possível sem necessitar se enxergar simultaneamente no espelho. Como efetivamente, agora, também em nós grande parte dessa vida se desenrola sem ‘esse espelhamento” (Nietzsche, “A Gaia Ciência”)

Então, para que consciência se ela é supérflua? Nietzsche responde afirmando que a consciência é a esfera do “entre”. A trama humana é um sistema de comunicação, e a consciência seria uma subjugação do indivíduo por meio de sua inserção nessa estrutura de comunicação.

No aforismo de “A Gaia Ciência”, intitulado “A Consciência”, Nietzsche afirma: “A consciência é a última fase da evolução do sistema orgânico, por consequência também aquilo que há de menos acabado e de menos forte no sistema”.

Nietzsche observa ainda: “Geralmente se considera a consciência um conjunto sensorial e instância superior; no entanto, é somente um meio de comunicação”.

Ainda em “A Gaia Ciência” Nietzsche expressa que a consciência se desenvolveu sob a pressão da necessidade de comunicação. Consciência é meramente uma rede de ligação entre homens.

A linguagem, segundo o filósofo, surge da necessidade de comunicação por conta da fragilidade do homem primitivo. Sem ela o homem não sobreviveria. Facilitou o agrupamento porque os homens começaram a se entender mais rapidamente, reduzindo, através de conceitos, a multiplicidade das coisas.

Nessa rede de relações, a linguagem funciona como signo de comunicação. Nietzsche conclui, então, que a consciência não pertence, na verdade, a existência individual do ser humano, mas muito antes a aquilo que nele é de natureza social e de rebanho. A consciência é um fenômeno de circulação e não um meio de auto-entendimento.

Existe um abismo entre a sensação e a linguagem. O indizível que somos nós mesmos está ausente dessa rede de linguagens. Com a vida gregária surge a designação obrigatória das coisas. Desta forma surge a verdade, de caráter social, convencional.

Consciência e linguagem são simultâneas. O homem precisa da consciência para expressar seus desejos, aquilo lhe falta. Consciência não é o aparelho do pensamento mas sim de tradução do pensamento em palavras. O pensamento é maior do que a consciência. O homem pensa continuamente mesmo que não o saiba. Para Nietzsche o pensamento que se torna consciente é a parte menor, a mais superficial.

Para Nietzsche, portanto, conhecer ou tornar consciente é simplificar a complexidade do real, é superficializar. A consciência, desta forma, precisa se manter distante do diverso, do plural.

A crítica ao primado da consciência na filosofia ocidental, pressupõe um modo de pensar que se coloca em oposição a tradição teórica inaugurada por Platão, conhecida como filosofia da representação. Além das críticas que Nietzsche faz ao idealismo, por tentar criar um antimundo, suas críticas dirigem-se também ao positivismo, bem como ao evolucionismo darwinista. Podemos verificar também a crítica de Nietzsche quanto à noção de consciência estar intimamente associada, com o próprio pensamento. Nietzsche escreve:

“Através dos mais longos tempos considerou-se o pensar consciente com o pensar geral...”

E continua:

“só agora desponta para nós a verdade, de que a maior parte de nossa atuação espiritual nos transcorre inconsciente, não sentida. Aquilo que chamamos de consciência, não interpreta, nem esclarece, mas tenta descrever aquilo que se mostra, sendo, portanto, “um comentário mais ou menos fantástico, sobre um texto não sabido, porém sentido”. (Nietzsche, A Gaia Ciência)

Assim, haveria uma intencionalidade nos tipos de processos conscientes, porém, aquilo que apreendemos desse processo é sempre parcial e inventivo. Não há um sujeito por trás da ação, um Eu que governa os impulsos; mas os impulsos é que governam o homem, e estes, por sua vez, seguem o fluxo dos acontecimentos que também escapam ao seu controle. Não existindo um “sujeito” ou “Eu”, por trás da ação, não há um ponto estável que legitime a construção de conceitos que derivam dessa suposta unidade interna.

Desta forma, a consciência, diferente daquilo que a tradição filosófica afirmou, não é a unidade do organismo, não reflete o que há no âmago do ser humano, antes aparece como resultado de nossas ações, pensamentos, sentimentos. Aparece como um instrumento a serviço do corpo.

Ao atribuir um caráter biológico para a consciência, o que Nietzsche pretende é retirar a consciência do âmbito metafísico e religioso para mostrar sua inserção no âmbito físico, corporal, terreno. Ela deixa de ser considerada uma instância superior e fundamento da “verdade do ser”, para ser apenas motivo das relações humanas, surgindo tardiamente no organismo.

Sendo o surgimento da consciência contemporâneo ao surgimento dos signos lingüísticos, ela trará características destes signos e, tendo por função criar uma rede de ligação entre as pessoas, estes signos aparecerão codificados, generalizados, fazendo com que o homem, enquanto ser social, reprima seu universo pulsional, eliminando assim toda singularidade deste universo para se adaptar ao rebanho, ao universo do “todo mundo”.

Aquilo que o homem comunica a respeito de si mesmo, não é aquilo que há de mais próprio, porque a linguagem é a “do tornar comum, isto é, reduzir ao que se pode partilhar com o outro, aquilo que um eu e o outro podem identificar, aquilo que suprime a diferença entre ambos” (Giacoina, Nietzsche, 2000). Assim, a linguagem traz a marca do instinto de rebanho e tal como a metafísica, a lógica e a moral, a linguagem é também uma resposta à necessidade social e psíquica de afirmar uma identidade fixa e tornar possível a comunicação entre as pessoas.

CONCLUSÃO

A crítica de Nietzsche à concepção tradicional de consciência é, em muitos aspectos, uma oposição à filosofia da representação. Nietzsche busca uma mudança na relação entre pensamento e consciência. O homem só se torna consciente dos pensamentos que podem ser traduzidos em palavras; assim, o homem não poderia ter consciência de tudo aquilo que pensa. Como foi dito, Nietzsche descola pensamento consciente e o pensar na sua totalidade. Percebe-se neste ponto, o porque de tantos “links” entre o pensamento de Nietzsche e o de Freud.. Nietzsche também

afirma que a consciência é, por definição uma superfície, cabendo, novamente, uma analogia com o pensamento de Freud, já que para este, o consciente seria a parte mais superficial da consciência em oposição ao inconsciente.

A consciência encobre um comportamento humano exercido em outro nível mais profundo, em um nível inconsciente.

Para Nietzsche a consciência é de natureza biológica, sendo a consciência uma espécie de órgão adaptador, recente na história do homem. Para o filósofo, a consciência exerce papel secundário e não é o núcleo do ser humano, tendo seu papel subordinado ao laço dos instintos.

Para Nietzsche a consciência está subordinada aos instintos. A consciência máscara, oculta um agir humano de natureza inconsciente. A consciência é vista como um meio de comunicação que se desenvolveu nas relações atendendo a certos interesses dessas relações, pois, foi nas relações com o mundo exterior que ela se desenvolveu, não existindo como algo independente ou *a priori*.

A consciência é uma tentativa do conhecimento de si mesmo, mas que traz consigo uma despersonalização fazendo com que as peculiaridades do indivíduo se dissolvam, diluindo as características pessoais que definiriam a identidade de cada um, em detrimento da comunicação com o rebanho.

Por fim, poderíamos pensar que, em Nietzsche, os conceitos filosóficos, entre eles a consciência, são vistos sob a ótica da eficácia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marcelo Giglio. *Crítica ao Conceito de Consciência no Pensamento de Nietzsche*. São Paulo, Beca, 2000.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche*, São Paulo. Publifolha, 2000.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação a História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Aurora*. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, Nova Cultural, 1974.

_____, *A Gaia Ciência*, Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

_____, *Humano Demasiado Humano*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.